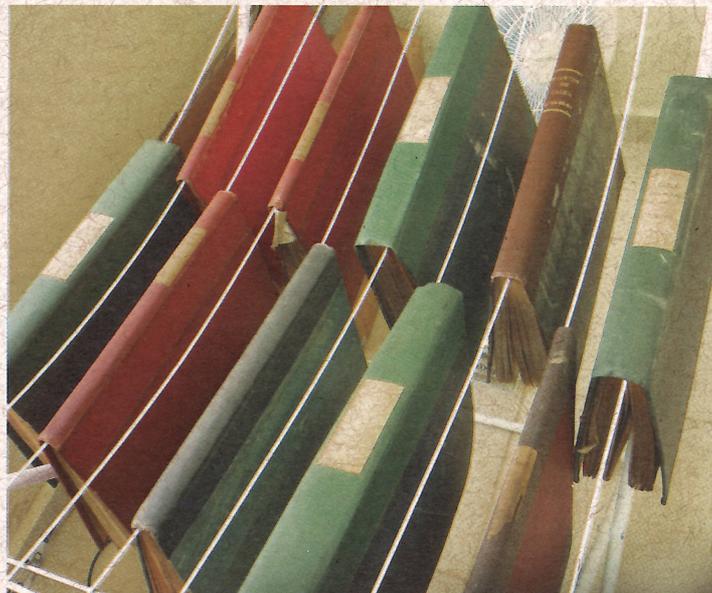


Arquivos históricos da EPM estão sendo recuperados com o apoio da Fap

Manter, arquivar e restaurar documentos são parte do processo de investigação histórica de qualquer objeto de estudo. Apesar da importância, nem sempre esse material recebe o cuidado necessário. A Fundação de Apoio à Unifesp tem dado o suporte à pesquisa realizada pela profa. dra. Ana Lúcia Lana Nemi, da disciplina de História Contemporânea da Unifesp Guarulhos. "Sem o apoio da Fap seria impossível concluir a investigação que eu e meus alunos estamos fazendo sobre a contabilidade da EPM/Unifesp", diz ela. São mais de 500 livros contábeis dos quais cerca de um quarto tem infestação média a alta de cupins. Por falta de um acondicionamento adequado, de cada dez livros, um está totalmente perdido. "Quando o estágio de infestação ou umidade é muito alto, não há a possibilidade de restauro", explica Márcia Almada, professora-assistente de Conservação de Papel do curso de graduação da disciplina de Conservação e Restauro da Escola de Belas-Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. "A professora Ana Lúcia e eu nos conhecemos em outubro de 2009 na Biblioteca da Ajuda em Lisboa e apresentamos um projeto de preservação de documentos à Fap que tem dado todo o apoio na compra de equipamentos e material", conta Almada. Com vinte anos de experiência, Márcia tem assessorado o trabalho que a professora Ana Lúcia e a aluna do 4º ano de História Gabriela Resende estão realizando. "Os documentos que estão sendo recuperados nessa fase inicial estavam no 2º subsolo de um imóvel com infiltrações de água, telhas quebradas, instalação elétrica em curto-circuito e infestação de cupim de solo e bactérias", descreve Ana Lúcia. Duas salas de um imóvel de propriedade da Fundação foram adaptadas para receber o equipamento necessário para o projeto de recuperação de documentos. Entre os equipamentos que foram comprados pela Fap para a realização do trabalho de limpeza e restauração de livros e documentos, estão um congelador, usado na desinfestação por baixas temperaturas e uma estufa apropriada para secar documentos que tiveram contato com umidade.



O material a ser recuperado fica dentro do congelador durante duas semanas para a desinfestação de cupins e fungos. Depois desse período, o congelador é desligado e aberto para que o material a ser recuperado volte à temperatura ambiente naturalmente. A partir daí, pode ser limpo. Numa **máquina higienizadora**, o documento é limpo, folha por folha, com o auxílio de uma escova e um bisturi. A sujeira e os microorganismos são sugados para um recipiente com água. “É um trabalho que deve ser feito com muito cuidado e atenção para manter a integridade do documento”, diz Gabriela. Para quem manipula os documentos existem também alguns cuidados essenciais. Avental, touca e máscara descartáveis, luvas cirúrgicas e óculos de proteção são usados por quem precisa ter contato com os livros. Nesse caso, a proteção não é só para o pesquisador mas também para os documentos. “Eles são frágeis e danificá-los com uma manipulação não adequada, significa perder informações essenciais para uma pesquisa histórica detalhada”, explica a profa Ana Lúcia. “Todo e qualquer documento recuperado traz informações importantes para a reconstituição de uma época”, completa ela. Por isso, os documentos estão sendo limpos não em ordem cronológica mas segundo a necessidade de cuidados. “Há livros que precisam de cuidados mais urgentes e que devem ser limpos antes que a situação de deterioração piore”, revela Ana Lúcia. “Em muitos casos,



as folhas estão muito comidas e há passagem de um livro para o outro. Acho que devemos perder cerca de 10% das informações. Esse é um cálculo otimista que eu espero que se cumpra mas isso nós só vamos saber quando tivermos terminado esse trabalho inicial”, conclui.

O trabalho de limpeza e recuperação deve durar cerca de oito meses. **Fp**

“Sem tais **auxílios**, a atividade destes Laboratórios teria sido **inexpressiva**”

O título desta matéria é parte de um texto de autoria de José Ribeiro do Valle, um dos mais importantes personagens da história da EPM/Unifesp e está no relatório de Atividade dos Laboratórios de Farmacologia e Bioquímica de 1953/1958. Sobre o financiamento da pesquisa, ele escreveu que “na lista de auxílios aos Laboratórios de Farmacologia e Bioquímica, conseguidos de diversas fontes oficiais e particulares, o futuro estudioso dos problemas educacionais brasileiros poderá encontrar matéria digna de reparo. Sem tais auxílios, fazemos questão de acentuar, a atividade destes Laboratórios teria sido inexpressiva”. Trazido para a Escola Paulista de Medicina por Otto Bier e André Dreyfus, em 1934, **Ribeiro do Valle** inaugurou o ensino da Farmacologia e a experimentação animal. Morreu em 19 de dezembro de 2000, aos 92 anos. Quanto à frase, ela parece tão atual como na época em que foi escrita.

Entre o material encontrado pela profa. Ana Lúcia Lana Nemi, e seus alunos da iniciação científica nos arquivos de Contabilidade da Escola Paulista de Medicina encontrados no Pátio da Tribuna, estão alguns documentos que demonstram a existência de um fundo criado para auxiliar as pesquisas batizado como fundo de

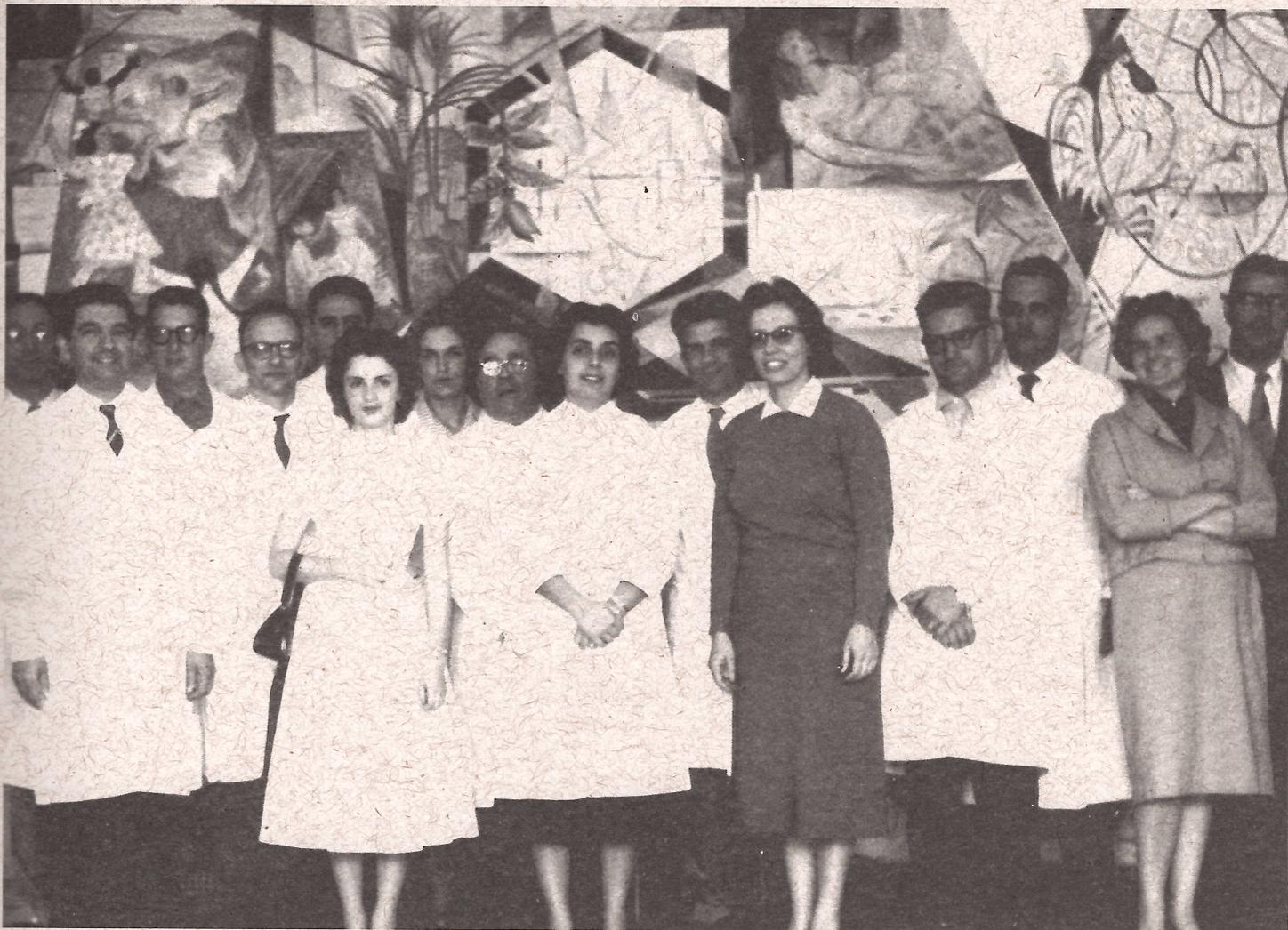
apoio à pesquisa ou, informalmente, “Fundap da SPDM”, Sociedade Paulista para o Desenvolvimento da Medicina. Isso numa época em que o diretor da Escola Paulista de Medicina acumulava o cargo de presidente da SPDM.

A origem desse “fundo” se deu quando o prof. **Paiva**, titular e chefe do Departamento de Biofísica da EPM começou a produzir um hormônio anti-diurético usado em práticas experimentais e clínicas. Esse produto passou a ser usado por outros pesquisadores da Escola. O similar importado era muito mais caro e de difícil obtenção, o que atraiu o interesse de centros de diagnóstico. Os recursos obtidos com a sua venda passaram a compor o fundo de apoio usado por diversos centros de pesquisas da Escola, para utilização diagnóstica e terapêutica. Nessa época, o Laboratório de Biofísica começou a realizar a síntese de peptídeos necessária para a produção do hormônio, procedimento considerado como tecnologia de ponta. Como a experiência do prof. Paiva havia dado resultado, foram à época criados os “fundos de apoio” para outras Disciplinas e Departamentos como a Fisiologia do Exercício, a Oftalmologia, a Endocrinologia e assim por diante. Cada um

procurou desenvolver um procedimento ou algo que rendesse recursos para a pesquisa. "Era um modo de agilizar o uso do dinheiro auferido", diz o prof. Hélio Egydio Nogueira, que ocupou o cargo de reitor por duas gestões (1995 a 2003). Os recursos eram reinvestidos nos mesmos centros de pesquisa. O "fundap" existiu até 2005 quando o prof. Ulysses Fagundes Neto, reitor à época, ordenou a sua desativação, afirma Hélio Egydio Nogueira.

Essa função é cumprida hoje em dia, ao abrigo da lei e com o constante acompanhamento dos órgãos de controle, pela Fundação de Apoio à Unifesp (Fap).

Esse assunto é objeto da pesquisa que a profa Ana Lúcia Lana Nemi está realizando para a elaboração de um livro sobre a elaboração de um livro sobre o financiamento de saúde pública no Brasil a partir da experiência do Hospital São Paulo (ver matéria nessa edição). **Fp**



NA FOTO ACIMA, DA ESQUERDA PARA A DIREITA: LEAL PRADO (SEGUNDO); RIBEIRO DO VALLE (DÉCIMO) E PAIVA (DÉCIMO SEGUNDO). FOTO: ARQUIVO UNIFESP.

O prof. (Antonio Cechelli de Mattos) Paiva (1929-2006) foi vice-diretor da Escola Paulista de Medicina (EPM), professor titular da Escola Paulista de Medicina por um longo período. Foi titular também na Universidade de São Paulo (USP) e Estadual de Campinas (Unicamp). Foi coordenador adjunto da área de biologia e saúde da FAPESP. Após doutorar-se com **Leal Prado**, Paiva fez o pós-doutoramento na Universidade de Utah, nos Estados Unidos. Estagiou no Instituto de Biologia e Medicina Experimental, da Argentina, e no Departamento de Fisiologia da Escola de Medicina da Universidade da Pensilvânia. Atuou como professor visitante no Departamento de Química da Universidade de

Cornell e no Departamento de Bioquímica da Universidade do Colorado. Foi membro da Academia Brasileira de Ciências, da Academia de Ciências do Estado de São Paulo e da Academia de Ciências da América Latina. Presidiu a Sociedade Brasileira de Bioquímica, a Pan American Association of Biochemical Societies e a Sociedade Brasileira de Biofísica. Mattos Paiva foi condecorado comendador da Ordem Nacional do Mérito Científico, em 1995, e recebeu a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico, em 1998. Após aposentar-se compulsoriamente aos 70 anos, o prof. Paiva, continuou trabalhando na Unifesp até o seu falecimento em 18 de maio de 2006.

Professor da Unifesp é premiado por trabalho na Amazônia

O prof. dr. Antonio José Lapa, titular da Universidade Federal de São Paulo, foi um dos vencedores do prêmio Professor Samuel Benchimol e Banco da Amazônia de Empreendedorismo Consciente de 2010 com uma premiação no valor de R\$ 30 mil. Ele concorreu na categoria Projetos Estruturantes pelo Centro de Biotecnologia da Amazônia (CBA), Universidade Federal do Amazonas (ufam) e pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). A sua experiência na área de Farmacologia, com ênfase em Farmacologia Geral estudando, principalmente, plantas medicinais gerou o convite para a implantação do Centro de Biotecnologia da Amazônia.

"Isso me levou para lá, há seis anos, quando começamos a discutir a infraestrutura de Farmacologia e Toxicologia para desenvolver medicamentos com a biodiversidade amazônica", explica o professor Lapa.

A primeira frase dita por ele aos interessados na instalação do Centro de Biotecnologia foi a seguinte: "Nós precisamos de gente". Não havia por lá pessoal capacitado para o projeto. O segundo passo foi saírem à procura de farmacologistas no Brasil que se estabelecessem na Amazônia para trabalhar em pesquisa. Essa tarefa se mostrou das mais difíceis para o grupo: o tempo médio de permanência de pesquisadores na região não ultrapassa um ano, sendo a média, seis meses. O professor Lapa tem uma explicação: "A Amazônia oriental está um tanto melhor por uma razão, muito simples: Belém, a capital do Pará, é aberta para o mar e tem estrada de acesso. A Manaus, você só consegue chegar de avião. Por essa razão, Manaus ficou muito isolada", explica. A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado



RICARDO GOMES

A sua experiência na área de Farmacologia estudando, principalmente, plantas medicinais gerou o convite para a implantação do Centro de Biotecnologia da Amazônia.

do Amazonas concedeu 35 bolsas para que fossem treinados os profissionais em farmacologia. "Só houve um problema: a ideia inicial do pessoal que deu as bolsas foi muito bairrista. Eles não queriam ninguém de fora de Manaus. Depois de uma certa 'negociação' conseguimos que fossem 3 ou 4 de fora de Manaus", conta o professor. A Suframa (Superintendência da Zona Franca de Manaus) montou um prédio de 12 mil metros quadrados. Em seguida, o professor Lapa, acompanhado de sete professores da Escola, foram para o Amazonas. Uma vez montado, o Centro foi sustentado por cinco ministérios: Ciência e Tecnologia; Meio Ambiente; Indústria e Comércio; Saúde e Agricultura. "Com isso, os interesses foram divergindo e quem pôs dinheiro lá imaginou que teria que orientar. Em 2004, eram só os da Ciência e Tecnologia e Indústria e Comércio", diz ele.

Aos poucos, foram sendo formadas as pessoas para trabalhar no laboratório. "A ideia filosófica é que você tem de formar a cadeia produtiva envolvendo gente da região e cuidar, ao mesmo tempo, da inclusão social do povo da floresta. São eles os detentores da informação, do uso que pode ser feito da biodiversidade local e se não forem devidamente orientados eles acabam vendendo o que têm para o 'americano' que está ali do lado", explica Lapa. É por essa e outras razões que o projeto é considerado estruturante. Foi preciso criar a estrutura toda para que fossem utilizados os conhecimentos locais e dar

suporte às empresas da região para que pudessem ser geradas patentes. O passo seguinte foi a integração com as empresas, disponibilizando a infraestrutura do laboratório e demonstrando quais produtos têm potencialidade ou não. Se uma empresa pretende lançar um xampu, por exemplo, vai precisar saber se ele tem uma atividade tóxica, se ele causa irritação etc. "A Natura se aproveitou muito disso: são linhas inteiras feitas com produtos da Amazônia. Só que a Natura é uma coisa gigante, uma potência", destaca Lapa, "não precisa do nosso trabalho". Os projetos estruturantes são para empresas da Amazônia. São centros de estudo que desenvolvem medicamentos testando a sua eficácia. Entenda-se por eficácia um efeito produzido por um remédio, que não seja prejudicial e que tenha a capacidade de ser verificado. O exemplo dado pelo prof. Lapa é o seguinte: se um protetor cutâneo "promete" impedir a ação dos raios ultravioleta, tem-se que provar essa característica do produto. Isso é possível. Quanto à toxicidade, existem parâmetros internacionais para medi-la. Se, junto com o efeito desejado, houver um efeito tóxico, é preciso medir a

relação do benefício com a toxicidade. Isto se chama índice terapêutico. É ele que vai permitir o registro desse produto na Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) e a sua consequente comercialização.

"A ideia filosófica é a de que você tem de formar a cadeia produtiva envolvendo gente da região e cuidar, ao mesmo tempo, da inclusão social do povo da floresta. São eles os detentores da informação, do uso que pode ser feito da biodiversidade local".

"Mais importante que o prêmio, no entanto, foi comprovar que existe sensibilidade e entendimento dos benefícios científicos que um CRO na área de medicamentos pode trazer à região. Nesse ponto, o teste foi aprovado: talvez haja *seeding money* para a formação de um grupo com essa intenção que venha congrega os recursos humanos que foram formados com o Convênio Unifesp/Farmacologia/CBA/ufam", explica o professor Lapa que segue dizendo que espera que o seu trabalho seja continuado por outras gerações. "Eu só tenho 5 a 10 anos de trabalho. Eu estou com 70 anos de idade e pretendo ir plantar uva no

meu sítio no interior de São Paulo. O que eu posso fazer é dar o exemplo e esperar que eles venham atrás. Eu tenho algumas dúvidas: "Será que eles querem fazer o que eu quero? Os meus discípulos de São Paulo se disporiam a ir para Manaus?", pergunta Lapa. **Ep**

Legislação normatiza a relação entre as fundações de apoio e as universidades federais

A Medida Provisória 495, editada em julho de 2010 (ver Ação Fap 31, setembro de 2010) deu origem à Lei 12.349 que alterava a legislação que trata do relacionamento entre as fundações de apoio e as universidades federais, principalmente na redação da Lei 8.958/94. Na prática, essas alterações acatam em parte as orientações do Tribunal de Contas da União (TCU) em dois acórdãos: o 2.731, de 2008, que proibia os repasses de verbas federais para as fundações

de apoio quando o objetivo era o fomento à pesquisa e o 1.255, de 2010, que estendia a proibição a todas as ICTS públicas, em todas as esferas de governo.

No último dia de 2010, o governo federal publicou o Decreto 7.423 que regulamenta a lei 8.958, de 20 de dezembro de 1994, normatizando as relações entre as fundações de apoio e as instituições federais de ensino superior e de pesquisa científica e tecnológica.

Fap apoia o projeto Univercine

Unir o mais completo acervo de imagens em movimento da América Latina à Universidade Federal de São Paulo em sessões de cinema seguidas de debates foi o mote do projeto Univercine. Apoiada pela Fap, a Fundação de Apoio à Unifesp, a ideia inicial foi do professor Mauro Rovai, do curso de Ciências Sociais da Unifesp – Guarulhos. “Me pareceu óbvia essa ligação. A Cinemateca Brasileira, a Unifesp e a Fap estão na Vila Clementino, o bairro universitário da cidade de São Paulo”, conta Rovai. “Acho até que demoramos para colocar esse projeto em andamento”, conclui. A Cinemateca Brasileira ocupa o atual espaço desde 1992, quando o antigo Matadouro Municipal foi doado pela prefeitura de São Paulo. Os edifícios históricos, do século XIX, são tombados pelo Condephaat e dividem o espaço com uma bonita área verde. A Cinemateca Brasileira nasceu a partir do Clube de Cinema de São Paulo, em 1940, criado por jovens estudantes de Filosofia da USP, entre eles, Paulo Emílio Salles Gomes e Décio de Almeida Prado, que chegou a ser fechado pela polícia do Estado Novo e voltou a atuar em 1946. Em 1984, a Cinemateca foi incorporada pelo Governo Federal como um órgão do Ministério da Educação e Cultura da época e hoje é ligada à Secretaria de Audiovisual. Conta hoje com mais de 200 mil rolos de filmes em diversas bitolas. São 30 mil títulos, entre obras de ficção, documentários, cinejornais nacionais e estrangeiros, produzidos desde 1895.

O projeto Univercine começou em março de 2010 com a exibição do filme *O Ébrio* de Gilda de Abreu de 1946. Um filme de enorme sucesso de público, explicado pelo fato de ter sido precedido por uma radionovela e de uma música popular gravada por Vicente Celestino, marido de Gilda e ator principal, com o mesmo argumento. A produção, da Cinédia, foi durante 40 anos

o filme nacional mais visto no país, com 8 milhões de espectadores, até ser batido por *Dona Flor e Seus Dois Maridos* em 1976. Detalhe: a população brasileira no ano de 1946 era menos da metade da estimada no de 1976. “A nossa intenção é escolher filmes nacionais mais antigos e que, conseqüentemente, os alunos não tenham visto. Para se ter uma ideia, o mais recente é o *Caso dos Irmãos Neves*, de 1967”, explica Rovai. A diferença das sessões do Univercine são os debates: há sempre uma pessoa mediando e, pelo menos, dois debatedores, sempre professores da Unifesp. Elas não são especificamente para quem estuda cinema e conhece linguagem cinematográfica, mas para quem se dispõe a discorrer sobre o filme. “Isso é algo que a gente faz sem maiores cuidados quando se vai ao cinema com alguém”, comenta Rovai. A ideia é fazer o mesmo, mas dentro de um espaço muito bem estruturado.

São duas excelentes salas de projeção que receberam o nome das empresas patrocinadoras: a BNDES, com capacidade para 210 lugares e 4 cadeirantes e a Petrobrás, para 108 espectadores.

Para 2011, há o projeto de levar alunos para conhecer a Cinemateca em visitas monitoradas ao laboratório de restauração de filmes e ao material de pesquisa com técnicos especializados. Outra ideia é levar alunos do ensino médio de escolas de Guarulhos, com idades entre 13 e 15 anos, aos sábados para uma ou duas sessões de cinema na Cinemateca Brasileira.

Para auxiliar o prof. Mauro Rovai, duas bolsistas que cumprem a iniciação científica, assistem ao filme numa sala específica e fazem um levantamento da recepção que ele teve à época do lançamento: média de público, notícias de jornais referentes ao filme, críticas. “É a primeira relação dos alunos com esse tipo de documento. Eu sugiro





também que eles procurem dissertações ou livros sobre o diretor, sobre a produtora ou sobre o filme propriamente dito”, diz ele.

Sobre a sua experiência pessoal com o cinema, o professor **Mauro Rovai** faz questão de dizer, modestamente, que ela é mais emocional do que acadêmica. “O cinema faz parte da minha infância em Rio Claro, interior de São Paulo. Em frente ao Jardim Público havia um cinema enorme chamado Excelsior onde eu assistia a tudo o que era exibido. O cinema faz parte, portanto, da minha memória afetiva. Na verdade, eu gosto mais do que conheço”.

A programação do Univercine para 2011 estava sendo montada quando essa edição do Ação Fap foi concluída. Os filmes, os horários e os debatedores do projeto serão divulgados mensalmente pelo AF.

A Cinemateca Brasileira fica no Largo Senador Raul Cardoso, 207 (Vila Clementino), São Paulo, a dois quarteirões da nova reitoria. O telefone é (11) 3512 6111 e o endereço eletrônico, contato@cinemateca.org.br **Ep**

Nova planilha orçamentária atualizada

A Pró-reitoria de Extensão aprovou um novo modelo de planilha orçamentária a ser preenchida pelos responsáveis por cursos de Especialização e Aperfeiçoamento. O correto preenchimento deste documento garante maior transparência e controle dos recursos utilizados. É bom lembrar que o Resultado Previsto, ou seja, a diferença entre a receita e a despesa prevista, quando positiva, uma parcela deve ser necessariamente repassada para a Unifesp. Esta planilha está sendo publicada novamente por conta de uma pequena atualização em relação à que está no Ação Fap 31, setembro de 2010. **Ep**

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO

RECEITA PREVISTA

1. Mensalidades				
Especificação	Valor	Nº Alunos	Nº Meses	Subtotal
1.1 Mensalidade Integral	0,00	0	0	0,00
2. Bolsa				
Especificação	Valor	Nº Alunos	Nº Meses	Subtotal
2.1 Bolsa Integral	0,00	0	0	0,00
Recebimentos				0,00
3. Deduções				
3.1 Custos Operacionais				0,00
3.2 Proex 5%				0,00
4. Impostos				
4.1 Cofins 3%				0,00
4.2 ISS 5%				0,00
5.	RECEITA LÍQUIDA			0,00

DESPESA PREVISTA

6.	Apoio Departamental 10% (GRU)			0,00
7.	Serviços de Terceiros – Pessoa Física (*)			0,00
7.1	Professor			0,00
7.2	Coordenador			0,00
7.3	Assistente Administrativo			0,00
7.4	Outros Profissionais			0,00
7.5	INSS Patronal 20% (sobre 7.1 + 7.2 + 7.3 + 7.4)			0,00
* profissionais sem vínculo, recebimento por RPA (desconta INSS, ISS e IR)				
8.	Serviços Prestados – Pessoa Jurídica			0,00
8.1	Processamento de Dados			0,00
8.2	Hospedagem			0,00
8.3	Transporte (Passagem, Táxi etc.)			0,00
8.4	Locação (Equipamentos, Anfiteatros etc.)			0,00
8.5	Divulgação/ Publicidade (Correio, sites etc.)			0,00
8.6	Contratação de Alimentação (coffee-break, coquetel etc.)			0,00
8.7	Serviços Gráficos (folder, banner, xerox)			0,00
8.8	Outros (especificar) (*):			0,00

(*) não mais do que 20% do item 7.

9.	OUTRAS DESPESAS			0,00
9.1	Material de Apoio Didático			0,00
9.2	Alimentação (Consumo)			0,00
9.3	Apoio Projeto de Pesquisa*			0,00
9.4	Despesas Bancárias			0,00
9.5	Outros (especificar):			0,00

* não mais do que 50% pode ser usado como bolsa.

10.	DESPESA			0,00
11.	RESULTADO PREVISTO			0,00

Lançamento da Editora Unifesp

Em 2002, Fadime Sahindal foi assassinada por seu próprio pai aos 25 anos de idade. Descendente de um família de imigrantes curdos, há mais de vinte anos na Suécia, ela considerava-se uma cidadã sueca, mas a sua família preservava as raízes culturais de uma moral inexorável sobretudo no que diz respeito ao comportamento feminino. O relacionamento de Fadime com um homem sueco provocou um verdadeiro conflito entre as duas culturas e fez com que Fadime fosse exilada de sua comunidade. Sua recusa em submeter-se a esses ditames, aos olhos do pai, desonrou profundamente a família, cuja honra apenas poderia ser recuperada com a sua morte.

Unni Wikan, a autora, é professora do departamento de Antropologia Social da Universidade de Oslo, Suécia. No livro **Em Honra de Fadime – Assassinato e Humilhação**, ela examina em profundidade o conceito de honra em uma abordagem histórica e transcultural, concluindo que a religião a que a família de Fadime pertencia não deve ser responsabilizada – na verdade, assassinatos de honra ocorrem também com pessoas de outras religiões e etnias – mas, sobretudo, o modo como muitas culturas têm ligado honra e violência.

Além do caso de Fadime, são examinados outros crimes de honra na tentativa de elucidar nuances das diferentes noções de honra, humilhação e vergonha que fizeram com que, neste caso, um pai matasse sua filha, acreditando ser este um ato de defesa coletiva e o último recurso para proteger uma família da humilhação e dos consequentes danos sociais a ela infligido por um de seus membros.

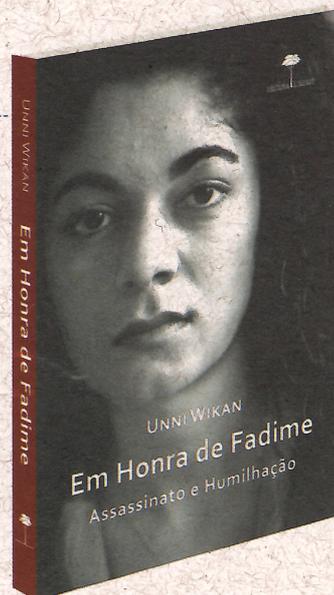
Em Honra de Fadime
Assassinato e Humilhação
Autora: Unni Wikan
Tradutora: Beth Honorato

1. edição, 2011, 16 x 23 cm, 336 páginas

ISBN: 978-85-61673-21-5

Preço: R\$ 55,00

Áreas de Interesse: Antropologia Cultural, Direitos Humanos,
Direito Internacional



A **Livraria Jequitibá**, uma parceria da Fap e da Editora Manole, está funcionando na rua Botucatu, 653/659 (esq. com a rua Borges Lagoa) – Vila Clementino – São Paulo. Os livros da Editora Unifesp têm descontos de 30% a 50% para alunos e docentes. Os da Editora Manole, descontos de 10% para alunos e 20% para docentes. O horário de funcionamento é das 8h às 17h de 2ª a 6ª feira, exceto feriados. Telefone para informações: (11) 4301-5071.



EXPEDIENTE

Ação Fap é uma publicação da Fundação de Apoio à Universidade Federal de São Paulo. **Presidente:** Durval Rosa Borges **Vice-Presidente:** Luiz Roberto Ramos **Diretor Administrativo:** Conceição Vieira da Silva Ohara **Diretor de Ensino:** Sylvia Helena Souza da Silva Batista **Diretor de Pesquisa:** Afonso Celso Pinto Nazário **Diretor Financeiro:** Akira Ishida **Editor:** Ricardo Gomes (Mtb 17.118) **Editora de Arte:** Adriana Garcia **Assistente de Arte:** Henrique Lourenço **Tiragem:** 3.000 exemplares **Fap-Unifesp** Rua Dr. Diogo de Faria, 1087, 8º andar, cj. 801, CEP 04037-003, Vila Clementino, São Paulo - SP **Tel:** (11) 3369-4000 **Atendimento:** sac@fapunifesp.edu.br

IMPRESSÃO

PEOPLE
O SEU PROVEDOR DE SOLUÇÕES GRÁFICAS
www.peoplecopy.com
55 11 5543-1100